

MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E MULHERES

*THE FEMINIST MOVEMENT IN BRAZIL AND LATIN AMERICA: REFLECTIONS
ON EDUCATION AND WOMEN*

*EL MOVIMIENTO FEMINISTA EN BRASIL Y AMÉRICA LATINA: REFLEXIONES
SOBRE LA EDUCACIÓN Y LAS MUJERES*

Amanda Motta Castro

Doutora em Educação pela UNISINOS. Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Manaus - AM – Brasil.

Rita de Cassia Fraga Machado

Doutora em Educação pela UFRGS. Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Manaus - AM – Brasil.

Resumo: Não temos dúvida de que a caminhada feminista é difícil, lenta e estreita. Contudo também não temos dúvida que as mulheres caminharam e mudaram o destino já traçado para nós pela sociedade patriarcal. Para Ivone Gebara (2000), trata-se de uma caminhada utópica na

direção de buscar politizar o privado e para que as mulheres avancem. Este texto busca principalmente fazer uma introdução à história do Movimento Feminista e resgatar o contexto de algumas mulheres, entre tantas outras, que somaram as conquistas das mulheres na América Latina e no Brasil e que, devido à sociedade patriarcal em que vivemos, encontram-se totalmente invisibilizadas e sem o lugar de destaque que merecem. Este texto é escrito com base em três conceitos importantes para os Estudos Feministas: Resistência, Gênero e Patriarcado.

Palavras-chave: Feminismo. Resistência. Gênero. Patriarcado.

Abstract: We have no doubt the road of feminism is a difficult, slow and narrow one. However, we do not doubt either that women have changed the destiny mapped for them by the patriarchal society. For Ivone Gebara (2000), there is a utopian path towards the politicization of the private sphere and for women to go further. This paper introduces the reader to the history of Feminist Movement, and rediscovers the context of some women, among so many others, who contributed to the feminist achievements of Latin America and Brazil and who, due to the patriarchal society in which we live, are totally ignored, without being given the pride of place they deserve. This article is based on three important concepts in Feminist Studies, namely: resistance, gender and patriarchy.

Keywords: Feminism. Resistance. Gender. Patriarchy.

Resumen: No hay duda de que el camino feminista es difícil, lento y estrecho. Aun así, también sabemos que

las mujeres caminaron y cambiaron el destino que había sido trazado para nosotras por la sociedad patriarcal. Para Ivone Gebara (2000), se trata de un camino utópico dirigido a politizar lo privado y a que las mujeres avancen. Este texto busca principalmente hacer una introducción a la historia del Movimiento Feminista y rescatar el contexto de algunas mujeres, entre tantas otras, que se sumaron a las conquistas de las mujeres en América Latina y en Brasil, y que debido a la sociedad patriarcal en la que vivimos se encuentran totalmente invisibilizadas y sin el lugar de destaque que merecen. Este texto fue escrito teniendo como base tres conceptos importantes para los Estudios Feministas: Resistencia, Género y Patriarcado.

Palabras clave: Estudios Feministas. Resistencia. Género. Patriarcado.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, vários pensadores, humanos e divinos, todos machos, cuidaram da mulher, por várias razões:

Pela sua anatomia:

Aristóteles: *A mulher é um homem incompleto.*

São Tomás de Aquino: *A mulher é um erro da natureza, nasce de um esperma em mau estado.*

Martinho Lutero: *Os homens têm ombros largos e cadeiras estreitas. São dotados de inteligência. As mulheres têm ombros estreitos e cadeiras largas, para ter filhos e ficar em casa.*

Pela natureza:

Francisco de Quevedo: *As galinhas botam ovos e suas mulheres, chifres.*

São João Damasceno: *A mulher é uma jumenta teimosa.*

Arthur Schopenhauer: *A mulher é um animal de cabelos longos e pensamentos curtos.*

Pelo seu destino:

Disse Yahvé à mulher, segundo a Bíblia: *Teu marido te dominará.*

Disse Alá a Maomé, segundo o Corão: *As mulheres são obedientes.*

(GALEANO, 2012, p. 88)

Quem estuda as mulheres sabe que a nossa história foi e é marcada por lutas, resistências, místicas e caminhadas. Na poética palavra de Paul Salopek (2013, p. 7),¹

(...) caminar es caer hacia adelante. Cada paso que damos es una caída detenida, un colapso que se evitó, un desastre frenado. Así caminar se convierte en un ato de fe. Lo realizamos a diario, un milagre en dos tiempos: un bamboleo yámbico, un sostenerse y dejarse ir... Estoy en una travesía. Voy en pos de una ideia, una historia, una quimra, quizá un disparate.

Não temos dúvida de que a caminhada feminista é difícil, lenta e estreita. Contudo também não temos dúvida de que as mulheres caminharam e mudaram o destino já traçado para nós pela sociedade patriarcal. Para Ivone Gebara (2000), trata-se de uma caminhada utópica na direção de buscar politizar o privado e para que as mulheres avancem.

Este texto tem como objetivo principal fazer uma introdução à história do Movimento Feminista e resgatar o contexto de algumas entre tantas mulheres que somaram às conquistas das mulheres na América Latina e Brasil e que, devido à sociedade patriarcal em que vivemos, encontram-se totalmente invisibilizadas e sem o lugar de destaque que merecem.

Este texto é escrito com base em três conceitos importantes para os Estudos Feministas: resitência, gênero e patriarcado.

Preocupantemente, algumas pesquisadoras têm extraído o conceito de patriarcado dos estudos de gênero. Entendemos que ambos os conceitos – gênero e patriarcado – são fundamentais quando a base de trabalho são os Estudos Feministas.

Quando abordamos esses três conceitos, passa a ser fundamental a retomada da reflexão importante de Graciela Hierro (2007, p. 14):

(...) se há superado y ala etapa del feminismo, creo yo, em que se daba la lucha de las mujeres em contra de los hombres concretos, padres, hermanos, esposos, amantes, hijos y se combatia la ideologia patriarcal en la figura del hombres con la que se entabla la relación interpersonal. O contra las mujeres que constituían la cara feminina del patriarcado.

A partir desta perspectiva, compreendemos que nossa luta não é contra pessoas físicas, e que tanto homens como mulheres contribuem para a manutenção da sociedade patriarcal. Desse modo, entendemos o conceito de gênero tal como desenvolvido no bojo dos Estudos Feministas, ideológica e politicamente produzido nas lutas dos movimentos sociais de mulheres

como ferramenta de resistência destas que, historicamente, estiveram também pela ideologia de classe.

De acordo com Marta Lamas (2002), o conceito de gênero começa a ser utilizado nas ciências sociais como categoria a partir da década de 1970. Desde então, a academia passa a trabalhar com ele abordando como é construído social e culturalmente o ser homem e mulher. Para a mesma autora, é importante destacar que “hay que tener siempre presente que entre mujeres y hombres hay más semejanzas como espécie que diferenças sexuais” (LAMAS, 2002, p. 37).

Nesta abordagem, gênero é a aprendizagem que acontece nas relações socialmente produzidas entre homens e mulheres e destes entre si. Portanto, homens e mulheres aprendem a ser o que são na cultura em que estão inseridos. Seguindo este referencial, as pessoas adultas nos ensinam, desde a infância, como devemos ser homens ou mulheres para sermos socialmente aceitos (SAFFIOTI, 2004). Ou seja, a velha e boa conceituação de Simone de Beauvoir (2009) configura-se como eixo: aprendemos a ser mulheres e homens. E como estamos inseridos no contexto histórico-patriarcal, aprendemos a ser heterossexuais (homens e mulheres). As mulheres aprendem a ser de alguém e para os outros (LAGARDE, 2011); e o homem aprende que deve dominar a mulher, mesmo que ela possa ser a “rainha do lar”, leia-se a *madresposa*, que produz a manutenção da lógica patriarcal, segundo Lagarde (2011), Margarita Pisano (2001, 2004), Edla Eggert e Márcia Paixão (2012).

O conceito de resistência está presente e representa um marco na recomposição do campo anticapitalista do feminismo, como parte dos retrocessos dos movimentos populares, em particular na década de 1990; com a queda do Muro de Berlim, em 1989; e com a desestruturação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), quando o socialismo experimenta o descrédito, e o neoliberalismo se instala com maior força. Nesse período, prevaleceu a hegemonia de uma profunda institucionalização e de uma agenda centrada nos aspectos normativos. Assim, frente à globalização neoliberal, não houve uma visão crítica global que integrasse as dimensões econômica, política e social (CADERNOS DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES, 2006).

Para análise, Ferrer (2001, p. 67) fundamenta-se em Marcela Lagarde e Michelle Fine e outras/os teóricas/os feministas, ao trabalhar com as categorias de resistência, enfrentamento e poder. Para ela, o conceito de resistência é mais amplo do que o de enfrentamento:

A resistência ocorre no lugar em que ocorre o poder, ou seja na relação de casamento, na família ou na comunidade. Enquanto o enfretamento é a resposta a um incidente específico de violência, a resistência se exerce através de toda a relação de violência onde quer que se exerça o poder.

Resistir é a própria vida das mulheres que lutam contra o patriaraco e o capital. O fato de mulheres participarem desses movimentos de resistência ao patriarcado faz – e continua fazendo – com que elas possam se ver como protagonistas na cena política e de forma coletiva, fundamental na luta contra o patriarcado.

O patriarcado é um sistema de dominação vigente, surgido por meio da divisão do trabalho e da divisão sexual do trabalho, da sociedade de classes. Neste sentido,

(...) entendemos que o capitalismo incorporou o patriarcado como estruturante das relações sociais. Para isso, aprofundou a divisão sexual do trabalho, fortalecendo uma divisão entre uma esfera pública e outra privada, a primeira considerada o lugar onde se dá a produção e a segunda onde se dá a reprodução (CADERNOS: MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES, 2006, p. 3).

Nesse sentido o patriarcado baseia-se na divisão sexual do trabalho, construindo-se a partir da escravidão feminina em processos históricos religiosos de transformação “das deusas” em “o Deus”, os quais constituem as três grandes religiões. Ao atravessar os diferentes modos de produção, o patriarcado impregnou-se no inconsciente da humanidade e até hoje constitui nossas identidades e modos de pensar, mesmo que dele não tenhamos consciência (LERNER, 1990). Assim, para muitas pesquisadoras feministas (SAFFIOTI, 2004; HIRATA, 2010; FARIA, 2005), o patriarcado continua a ser condicionante nas relações sociais e seu uso deve ser retomado pelas teóricas contemporâneas, reconhecendo-o como um fenômeno estruturante da sociedade.

Portanto, o patriarcado seria uma forma de dominação masculina disseminada nas diferentes instituições sociais, as quais atribuem ao homem o poder sob todas as formas, sobre todas as coisas, incluindo as mulheres e as crianças. É uma ideologia que, por meio da socialização, naturaliza relações de opressão historicamente construídas. Como ressalta Saffioti (2004, p. 101), “além de o patriarcado fomentar a guerra entre as mulheres, funciona como uma engrenagem quase automática, pois pode ser acionada por qualquer um, inclusive mulheres” e logo em seguida define o patriarcado como “um regime que se ancora em uma maneira de os homens assegurarem-se para si mesmos e para seus dependentes, os meios diários para a produção e reprodução da vida” (SAFFIOTI, 2004, p. 105).

O MOVIMENTO FEMINISTA: UMA BREVE REVISÃO HISTÓRICA

Não temos dúvida de que os escritos de feministas europeias e estadunidenses contribuíram para a reflexão e luta feminista na América Latina inteira. Contudo, as experiências de vida de mulheres da América Latina são distintas e, desse modo, o movimento organizado por mulheres deste lugar geográfico tem suas bandeiras e peculiaridades.

Feminismo é um movimento social, filosófico e político que busca a igualdade entre os sexos e uma vivência humana por meio do empoderamento feminino, além da libertação de padrões opressores baseados em normas de gênero. Nas palavras de Saffioti (2007, p. 22):

Os movimentos feministas só são o que são hoje porque foram o que foram no passado. Hoje nós podemos questionar as bases do pensamento ocidental porque houve um grupo de mulheres que queimou sutiãs em praças públicas. O sutiã simbolizava uma prisão, uma camisa de força, a organização social que enquadra a mulher de uma maneira e o homem de outra. A simbologia é essa: vamos queimar a camisa de força da organização social que aprisiona a mulher.

De acordo com Maggie Humm (1990) e Rebecca Walker (1992), a história do feminismo pode ser dividida em três “ondas”. A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX; a segunda, nas décadas de 1960 e 1970; e a terceira, na década de 1990 até a atualidade.

No Brasil, o movimento feminista criou forma entre o fim do século 18 e início do 19, quando as mulheres brasileiras começaram a se organizar e conquistar espaço na área da educação e do trabalho. Três grandes momentos marcam o movimento feminista no Brasil: o primeiro foi causado pelas reivindicações por direitos democráticos como o direito ao voto, ao divórcio, à educação e ao trabalho no fim do século 19. O segundo, no fim da década de 1960, foi caracterizado pela liberação sexual (impulsionada pelo aumento dos contraceptivos). O terceiro momento começou a ser construído no fim da década de 1970, com a luta de caráter sindical e contra a ditadura militar.

Em 1907, surge em São Paulo a greve das costureiras, ponto inicial para o movimento por uma jornada de trabalho de 8 horas. Em 1917, o serviço público passa a admitir mulheres no quadro de funcionários. Dois anos depois, a Conferência do Conselho Feminino da Organização Internacional do Trabalho aprova a resolução de salário igual para trabalho igual.

No México e Brasil, nos anos 1930, aprova-se o direito ao voto e à cidadania ativa; há manifestações na Colômbia em 1912 a favor dos direitos civis da mulher casada; e, no Equador, ocorrem protestos pela demanda judicial em 1928 em prol da extensão dos direitos políticos à mulher. Em 1932, as mulheres conquistam legalmente o direito ao voto, com o Código Eleitoral. Apesar da importância simbólica dessa conquista, à época foram determinadas restrições para o seu exercício, mas somente com a Constituição de 1946 o direito pleno ao voto foi concedido.

Na década de 1960 acontece a luta das mulheres contra as distintas formas de opressão jurídica, econômica e política, enfatizando-se o surgimento, em 1952, da União das Mulheres do Chile e da eleição, em 1953, de Maria de la Cruz como deputada por Concepción, com 51% dos votos, pelo Partido Feminino Chileno.

Hoje, a luta feminista continua. Martha Nussbaum (2002) diz que as mulheres são pessoas de segunda categoria no mundo. Esta sua afirmação se sustenta porque as mulheres são mais mal alimentadas; têm um nível menor de saúde; são mais vulneráveis ao abuso sexual, à violência física; são menos alfabetizadas do que os homens; ganham menos que eles e sofrem relativamente mais assédio em espaços de trabalho (NUSSBAUM, 2002).

De acordo com o IPEA,² quase 17 mil mulheres morreram vítimas de agressões entre 2009 e 2011, por causa de conflitos de gênero, ou seja, apenas por ser do sexo feminino. Este número representa uma média de 5.664 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, 472 a cada mês, 15,52 a cada dia ou, ainda, um óbito a cada hora e meia. O feminicídio é a morte de mulher em decorrência de conflitos de gênero, ou seja, pelo fato de ser mulher. A região Nordeste lidera o *ranking* com a maior taxa de feminicídios do Brasil entre 2009 e 2011, com 6,9 mortes violentas a cada 100 mil mulheres. O segundo lugar pertence ao Centro-Oeste, onde houve 6,86 casos para cada ocorrência 100 mil mulheres. Depois, vem a região Norte, com 6,42. O Sudeste e o Sul têm as melhores taxas: 5,14 e 5,08, respectivamente.

De acordo com o mesmo estudo, as mulheres jovens foram as maiores vítimas dos homens nas mortes violentas: 31% estavam na faixa etária de 20 a 29 anos, e 23% de 30 a 39 anos. Mais da metade dos óbitos (54%) foi de mulheres de 20 a 39 anos. No Brasil, 61% dos óbitos foram de mulheres negras, que foram as principais vítimas em todas as regiões, à exceção da Sul. Merece destaque a elevada proporção de óbitos de mulheres negras nas regiões Nordeste (87%), Norte (83%) e Centro-Oeste (68%).

Assim, o movimento feminista tem como bandeiras principais, hoje, no Brasil, o combate à violência contra a mulher e à discriminação no trabalho, e a legalização do aborto.

MULHERES QUE DEVEM SER LEMBRADAS

O conceito de gênero se interpenetra com o conceito de patriarcado, pois é o conceito de patriarcado que explica a estrutura social que inferioriza as mulheres. Para Lagarde (2012), a definição de patriarcado foi realizada em 1861 por Henry Maine, que o define como a lei do Pai.

São várias as teóricas feministas que trabalham com o conceito de “patriarcado”. Para Gebara (2007, p. 19), a “sociedade patriarcal significa que a maneira pela qual somos educados é marcada por concepções que valorizam um referencial teórico masculino mais do que o feminino”. Lagarde (2011, p. 91) define este conceito nos seguintes termos: “El patriarcado es uno de los espacios históricos del poder masculino que encuentra su asiento en las más diversas formaciones sociales y se conforma por varios ejes de relaciones sociales y contenidos culturales”. Segundo Neuma Aguiar (2000, p. 1), “o patriarcado se pauta pela dominação do público sobre o privado”. O patriarcado, ao impedir às mulheres o espaço público, não necessariamente dá poder a elas no espaço privado:

Às mulheres não é negado somente o acesso ao espaço público, mas também está limitado o exercício de decisão no âmbito privado. Este espaço em última instância está sob a autoridade do patriarca, pai e senhor. Uma consequência desta assimetria de poder está na definição e prescrição dos valores e normas que irão reger a sociedade. Estes vão seguir os parâmetros masculinos e serão percebidos como “universais” enquanto que os valores femininos serão “especiais” ou particularmente “particulares/peculiares”. (NEUENFELDT, 2006, p. 85).

Neste lugar onde as mulheres desenvolveram um cativo aconchegante (LAGARDE, 2011), o patriarcado nega-lhes o poder de decisão. Mesmo neste espaço a decisão final também é dos homens. Em nossos estudos, várias vezes escutamos dizeres como: “Pois eu gostaria de colocar cortinas, mas meu marido não deixa”; “Queria fazer uma pequena reforma na cozinha, mas meu marido não quer”, e tantas outras.

Nas palavras de Lagarde (2012, p. 364), “la dominación patriarcal que gera la opresión de las mujeres se logra a través de la forma de expropiación, discriminación y violencia”. Para ela, “el poder patriarcal no se expresa solo

en sí mismo, sino que siempre se presenta articulando con outros poderes, así, el poder patriarcal es sexista, pero es también classista, etnicista, racista, imperialista, etcétera" (LAGARDE, 2011, p. 92).

Assim, o domínio patriarcal atinge não somente as mulheres, mas a todos/as que estão distantes do "ideal" imposto pelo patriarcado. A sociedade construída para inferiorizar as mulheres também é nociva aos homens, às pessoas com baixo poder aquisitivo, às minorias étnicas, aos homossexuais, às crianças, aos pobres e com baixa escolaridade. Portanto, podemos perceber que "estar bem na sociedade patriarcal" é algo para pouquíssimas pessoas.

Aqui estão algumas mulheres que foram fundamentais para o Movimento Feminista e para a conquista das mulheres nos espaços públicos de educação e política. Entretanto, muito pouco se ouve e se aprende destas mulheres, pois a sociedade patriarcal insiste em colocá-las à margem da história.

Figura 1- Sor Juana Inés de la Cruz



Fonte: <<http://www.latin-american.cam.ac.uk/SorJuana/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

Sor Juana Inés de la Cruz, freira mexicana e considerada a primeira feminista das Américas, nasceu em 1651 e morreu em 1695. Logo cedo, Juana cortou os cabelos para contradizer o pensamento segundo o qual a mulher é um animal de cabelos longos e pensamentos curtos (HIERRO, 2007; 2003).

Sua trajetória é brilhante, sua imagem está estampada na nota de 200 pesos mexicanos e sua vida foi alvo de investigações e livros das autoras Graciela Hierro, Rosario Casteliano e Octavio Paz. Segundo Hierro (2007), Sor Juana superou as inúmeras barreiras do seu tempo devido ao seu autodidatismo. Sor Juana descobriu cedo a biblioteca do seu avô e aprendeu a ler sozinha, escreveu literatura centrada na liberdade, sendo considerada uma criança-prodígio. Encontrou na religião um lugar onde podia continuar sua dedicação aos livros e à escrita.

No poema *Hombres Necios*, ela defende o direito da mulher a ser respeitada como ser humano e critica o sexismo da sociedade do seu tempo. Em uma passagem Sor Juana escreve: “Hombres necios que acusáis a la mujer sin razón, sin ver que sois la ocasión de los culpáis” (CRUZ, 2010 p. 109).

Uma questão especial na obra de Sor Juana é que ela não diminuía nem desdenhava o conhecimento doméstico das mulheres. Aliás, a ironia sobre a desvalorização social dos “ditos femininos” sempre foi uma constante em sua obra, pois, para ela, a alma não tinha sexo (CORRÊA, 2004). No convento de São Francisco, localizado no centro histórico da Cidade do México, a cozinha na qual ela trabalhava está preservada. Juana afirmava que, se grandes filósofos, como Aristóteles, tivesse cozinhado, muito mais teria escrito (PAZ, 2010; CORRÊA, 2004). A afirmação “dá o tom” da importância que a freira feminista concedia aos serviços da vida diária das mulheres.

Figura 2 - Nísia Floresta



Fonte: <<http://www.substantivoplural.com.br/wp-content/uploads/2010/05/nisia-floresta.jpg>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

Nísia Floresta, que, segundo Constança Duarte (1995), Eggert (2006) e Graziela Rinaldi (2012), é considerada a primeira feminista brasileira, desafiou a legislação assinada por Dom Pedro I, que impedia as mulheres de se matricularem em escolas avançadas. Ela investiu na educação sem distinção entre os sexos, lutou pela educação científica para mulheres e conseguiu a primeira escola exclusiva para meninas – o Colégio Augusto, no Rio de Janeiro – com métodos inovadores. O Colégio de Nísia investia numa educação com competência intelectual para as mulheres. Pioneira em sua época, ela esteve presente na luta pelos direitos da mulher e pela igualdade entre mulheres e homens, sobretudo no campo intelectual (CASTRO; ALBERTON; EGGERT, 2010).

Figura 3 - Maria Augusta Generoso Estrela



Fonte: <<http://www.medicinaintensiva.com.br/medicina-bahia.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2014.

No Brasil, o ensino superior feminino teve início no final do século 19. Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946) foi a primeira médica brasileira. De acordo com o Dicionário de Mulheres do Brasil (2002), Maria Augusta frequentou o Colégio Brasileiro como aluna interna. Seu pai, comerciante português, proporcionou-lhe uma educação formal exemplar e sempre incentivava suas iniciativas de estudo e trabalho. A aluna terminou o ensino médio e quis estudar medicina. No entanto, como ainda as universidades brasileiras eram fechadas para as mulheres, a jovem partiu para os Estados Unidos. Em 1881 recebeu o diploma de doutora em medicina do New York Medical College and Hospital for Women, na Association Hall of New York, tendo sido a oradora da turma e recebido uma medalha de ouro pelo melhor desempenho durante o curso. Em 1882, retornou para o Rio de Janeiro.

Ainda em 1882, juntamente com uma colega, publica o jornal *A Mulher*, publicação que visava aos interesses e aos direitos das mulheres brasileiras.

Maria Augusta Generoso Estrela faleceu subitamente, em 18 de abril de 1946, aos 86 anos, enquanto conversava com a família. Deixou um lugar na história pela luta na defesa das mulheres. Seu nome é honrado como patrona da cadeira

64 na Academia de Medicina de São Paulo.³ Além disso, deu nome a uma rua na cidade de Poços de Caldas-MG e a uma rua na cidade de Porto Alegre. Hoje, o Centro Municipal de Saúde de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, leva seu nome.

O reconhecimento pela formação e pela competência de Maria Augusta foi o estopim pela pressão social sobre o poder público para que as universidades brasileiras abrissem as portas para as mulheres.

Figura 4 - Rita Lobato Velho Lopes



Fonte: <http://sbhm.org.br/index.asp?p=medicos_view&codigo=169>. Acesso em: 27 fev. 2013.

Desta forma, em 1879 foi aprovado o Decreto nº 7.247, de 19 de abril, em que se permitiu às mulheres o ingresso nos cursos superiores. Sendo assim, Rita Lobato Velho Lopes⁴ iniciou seus estudos em medicina e formou-se em 10 de dezembro de 1887 com distinção na Universidade da Bahia, tornando-se a primeira médica a se formar em solo brasileiro. A estudante passou por diversas dificuldades, como falta de banheiro feminino na universidade, proibição de assistir aulas de anatomia e tendo que ir às aulas acompanhada do pai, que a aguardava todos os dias no pátio da universidade até o final das aulas (SCHMAHER; BRAZIL, 2000).

Após a formatura, Rita volta ao seu estado de origem: Rio Grande do Sul. Exerceu a medicina até seus 59 anos e, depois disso, dedicou-se à vida pública e se elegeu vereadora em Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul, aos 70 anos, tornando-se a primeira vereadora gaúcha. Morreu em 1954.

Em seu livro *Os filhos dos dias*, Eduardo Galeano (2012) propõe uma reflexão ou poesia para cada dia do ano. O autor fez um livro com 365 páginas, portanto, uma para cada dia do ano. Ironicamente, no dia 8 de março, Dia da Mulher, Galeano escreve as duras palavras ditas e escritas por personalidades ilustres, as quais compõem a epígrafe deste artigo.

Obviamente, hoje há a superação de muitas das palavras ditas pelos pensadores citados por Galeano. Contudo, a superação das ideias implantadas na sociedade não foi fácil, e essa superação foi conquistada ao longo dos tempos por mulheres de vários lugares que ousaram resistir à “ordem” e procuraram formas para terem acesso aos locais públicos de ensino e formação, mesmo que isso exigisse a criação destes espaços. Tanto o feminismo como a educação popular apontam para a importância da experiência, pois ambas a consideraram como desencadeadora da produção do conhecimento.

Para Nancy Pereira (2003, p. 196), “experiência é entendida como uma operação interna – expressão do ser ou da consciência – que projeta uma subjetividade na forma de identidade essencial, de caráter universal, acessível a todos/as”. Portanto, a experiência é desenvolvida na vida cotidiana de mulheres, é parte da subjetividade de cada um/uma, e é essa experiência que será base para a epistemologia feminista, na visão de Wanda Deifelt (2002). Podemos conceber a experiência como base, haja vista que o conhecimento feminista é forjado, dentre outros elementos, no bojo da experiência. Evidentemente, trata-se de um conhecimento marginalizado durante séculos, pois o conhecimento das mulheres, devido à exclusão do mundo público, foi tecido em espaços privados, logo, espaços tidos como óbvios (EGGERT, 2002), espaços como o cotidiano artesanal e doméstico.

Para Gebara (1994), é urgente e necessário sair da priorização do sexo masculino para a igualdade entre homens e mulheres, por meio da exclusão da diferença e do acolhimento da diversidade, valorizando o ser humano numa perspectiva histórica e igualitária. Para que este movimento ocorra, compreendemos ser necessário aprofundar nossos conhecimentos tanto teórico como na militância da sociedade patriarcal e como ela opera e se organiza. Nas palavras de Hierro (2003), o patriarcado consiste na instucionalização da força masculina – e um dos seus pilares de sustentação é a família. Dessa forma, para buscarmos as relações igualitárias propostas por Gebara (1994),

precisamos, sem dúvida, não apenas aprofundar os estudos sobre o patriarcado, mas também não tirar este conceito dos estudos de gênero.

Pereira (2009, p 232) escreve que “a contribuição ética do feminismo se dá na insistência de que o pessoal é político, o cotidiano é histórico, a reprodução é produtiva, a produção é distributiva, o consumo criativo”. Em vista disso, o feminismo vem contribuindo para visibilizar o invisível, destacando que o que é tecido no cotidiano, na vida privada das mulheres, é político, histórico e produtivo e que, por meio da denúncia de que a sociedade patriarcal inferioriza o conhecimento das mulheres, vem reconhecer o conhecimento concretizado cotidianamente pelas mulheres em meio das mais diversas dificuldades da vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, Brasília, vol. 15, n. 2, jun.-dez./2000.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSCH, E.; FERRER, V.; GILI, M. **Historia de la misoginia**. Barcelona: Anthropos Editorial. 1999.

CASTRO, A.M.; ALBERTON, M.; EGGERT, E. Nísia Floresta a mulher que ousou desafiar sua época: Educação e Feminismo. **POIÉISIS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação** (Unisul), v. 3, 2010.

CORREA, M. **Trampas do traje**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jan. 2011.

CRUZ, S. J. I. **Obras Completas**. Cidade do México: Editorial Porrúa, 2010.

DEIFET, V. O corpo e o cosmo. In: TIBIRI, Marcia; MENEZES, Magali; EGGERT, Edla. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

DUARTE, C. L. Nísia Floresta: **Vida e Obra**. Natal: UFRN, Editora universitária, 1995.

EGGERT, E. A graça do mundo do lado de baixo do equador. In: PEREIRA, Nancy; EGGERT, Edla; MUSSKOPF, André S. **A graça do mundo transforma Deus**. Porto Alegre: Metodista, 2006.

FARIA, N. **Feminismo em movimento**: temas e processos organizativos da Marcha Mundial das Mulheres no Fórum Social Mundial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, UFSC. n. 11, p. 623-632, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v11n2/19144.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

FERRER, D.V. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2011.

GALEANO, E. **Os filhos dos dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GEBARA, I. **Rompendo o Silêncio**: Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, I. **Trindade**: palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista. São Paulo: Paulinas, 1994.

HIERRO, G. **De la domesticación a la educación de las Mexicanas**. Torres Asociados, 2007.

HIERRO, G. **Ética de la Libertad**. Cidade do México: Torres Asociados, 2003.

HUMM, Maggie. **The dictionary of feminist theory**. Columbus: Ohio State University Press, 1990.

LAGARDE, M. **Cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2011.

LAGARDE, M. **E feminismo em mi vida**: Hitos, claves y topías. Ciudad del Mexico: Gobierno del Distrito Federal, 2012.

LAMAS M. **Cuerpo**: diferencia sexual y género. Ciudad del Mexico: Taurus, 2002.

NEUENFELDT, Eliane. **Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento**: considerações metodológicas. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4601_2006/et2006-1f_eneuenfeldt.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

NUSSBAUM M. **Las Mujeres y el desarrollo humano**. Barcelona: Herder, 2002.

PAIXÃO, M.; EGGERT, E. **A retomada do conceito de opressão por meio dos cativerios das mulheres de Marcela Lagarde**: questões para debate. Labrys (Edição em Português. *On-line*), 2012.

PEREIRA, N.C. Fragmentos e Cacos de Experiência¹ Relações sociais de poder e gênero na teologia wesleyana. In: **Revista Caminhando**, vol. 8, n. 2, 2003.

PEREIRA N. C. O papel é paciente, a história não é: cotidiano sagrado, educação e diversidade religiosa no Brasil. In: OLIVEIRA, Lilian; CECCHETTI, Elcio; CESARO, Rosa Assunta de. (Org.). **Cultura e Diversidade Religiosa na América Latina Pesquisas e Perspectivas Pedagógicas**. Blunemau: Edifurb, 2009.

PISANO, M. **El triunfo de la masculinidad**. Disponível em: <<http://webs.uvigo.es/pmayobre/pdf/pisano.pdf>>. Acesso em: 23 março 2012.

ROSA, G. R. **Transgressão e moralidade na formação de uma matrona esclarecida: contradições na filosofia de educação nisiana**. Tese de Doutorado (doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero e patriarcado. In.: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALOPEK, P. Fuera del Edén. In: **National Geographic**: Nuestro Éxodo, vol. 33, Cidade del Mexico. 2013.

SCHMAHER, S; BRAZIL, E. **Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

WALKER, Rebecca. **Becoming the Third Wave**. 1992.

Artigo recebido em: 18/08/2015

Aprovado em: 01/02/2016

Endereço para correspondência:

Amanda Motta Castro, Av. Djalma Batista, 3578, Flores, Manaus, AM. CEP: 69050-010. E-mail: motta.amanda@terra.com.br

Rita de Cassia Fraga Machado, Av. Djalma Batista, 3578, Flores, Manaus, AM. CEP: 69050-010. E-mail: rmachado@uea.edu.br

NOTAS

- 1 Utilizamos o nome e sobrenome do/a autor/a na primeira citação. Nas citações seguintes, os/as utores/as passam então a ser mencionados apenas com o último sobrenome. Seguimos a orientação formal da Revista Estudos Feministas de citar o nome completo, como uma forma inclusiva de perceber a produção científica. Paulo Freire fez referência à importância do lugar da linguagem inclusiva após ser criticado por sua linguagem machista por feministas norte-americanas que leram sua principal obra, *Pedagogia do Oprimido* (1964). Freire admite seu machismo e retoma esta questão em *Pedagogia da Esperança*, publicada originalmente em 1992. O autor passa então a utilizar uma linguagem inclusiva
- 2 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). A pesquisa sobre violência contra as mulheres foi divulgada em dia 25 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/>>. Acesso em: 24 ago. 2014.
- 3 Cf. Begliomini, Helio. Cadeira n. 64 – patronesse <<http://www.academiamedicinasasaopaulo.org.br/biografias/91/biografia-maria-augusta-generoso-Estrela.Pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2014.
- 4 Seu diploma encontra-se no museu da UFBA. Disponível em: <<http://www.medicinaintensiva.com.br/medicina-bahia.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2014.